



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XVIII (2017)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Diana Pelaz Flores, *La Casa de la Reina en la Corona de Castilla (1418-1496)*, Valladolid: Ediciones Universidad de Valladolid, 2017 (Igualdad, 3), 323 pp., ISBN: 978-84-8448-915-3. [Recensão]

Catarina Monteiro 

Como Citar | How to Cite

Monteiro, Catarina. 2017. «Diana Pelaz Flores, *La Casa de la Reina en la Corona de Castilla (1418-1496)*, Valladolid: Ediciones Universidad de Valladolid, 2017 (Igualdad, 3), 323 pp., ISBN: 978-84-8448-915-3». *Anais de História de Além-Mar* XVIII: 377-381. <https://doi.org/10.57759/aham2017.36063>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2017. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2017. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

Diana Pelaz Flores, *La Casa de la Reina en la Corona de Castilla (1418-1496)*, Valladolid: Ediciones Universidad de Valladolid, 2017 (Igualdad, 3), 323 pp., ISBN: 978-84-8448-915-3.

As últimas duas décadas têm sido caracterizadas por um desenvolvimento exponencial dos estudos sobre a reginalidade¹, sendo a medievalidade uma das áreas mais beneficiadas a este respeito. A renovada importância dos papéis desempenhados pelas rainhas consortes ou a colocação das mesmas como figuras de influência num cenário político preponderante, anteriormente dominado pela figura masculina, determinam a essência destas investigações, que trazem, à luz de novos conceitos, novas e diferentes perspetivas historiográficas, dando um novo alento à História das Mulheres.

A obra de Diana Pelaz Flores insere-se nesta vanguarda, apresentando-se como pioneira no estudo intensivo sobre a reginalidade na Coroa de Castela do século XV. Fruto da sua tese de Doutoramento em História Medieval, premiada, em 2016, pela Associação Espanhola de Investigação em História das Mulheres (AEIHM)², este livro exhibe um pequeno vislumbre da complexa investigação levada a cabo pela autora, nomeadamente a terceira parte do trabalho, referente à definição da Casa da rainha,

¹ O termo original é *queenship* e refere-se à atuação da rainha enquanto figura feminina do poder político. Núria Silleras Fernández sugeriu as traduções *reginalidad* e *reginalitat*, para a língua espanhola e catalã, respetivamente (Silleras Fernández, Núria. 2003. «*Queenship* en la corona de Aragón en la Baja Edad Media: estudio y propuesta terminológica». *La corónica: A Journal of Medieval Hispanic Languages, Literatures and Cultures* 32 (1): 119-133). No seguimento desta teorização, a historiografia portuguesa adotou a palavra «reginalidade».

² Pelaz Flores, Diana. 2015. «Reynante(s) en vno. Poder y representación de la reina en la Corona de Castilla durante el siglo XV». Tese de Doutoramento, Instituto Universitário de História Simancas, Universidade de Valladolid.

onde se incluem as funções desempenhadas pelos diferentes cargos nela registados³.

O livro inicia-se com dois pequenos capítulos. O prólogo da obra (pp. 11-14), assinado pela orientadora científica de Pelaz Flores, María Isabel del Val Valdivieso⁴, e o prefácio (pp. 17-21) anunciam, de antemão, conceitos-base, lacunas historiográficas e a própria estrutura do livro, definindo o campo de análise e introduzindo um objeto de estudo essencial: o catálogo prosopográfico da Casa da rainha, entre 1418 e 1496 (pp. 195-305). O terceiro capítulo (pp. 23-26) engloba o estado da arte sobre o estudo da Casa da rainha na atualidade e apresenta um vasto e diversificado conhecimento bibliográfico do tema, não se circunscrevendo ao espaço ibérico, antes fazendo várias referências à corte da Borgonha, por exemplo.

O quarto capítulo (pp. 27-144) é o grosso da obra. Com quase 120 páginas, dedica-se à estrutura e composição da Casa da rainha. Organizado por vários subcapítulos, começa por introduzir o tema da evolução institucional da Casa da rainha (pp. 27-33), explicitando conceitos e ideias como Casa, oficiais e a existência paralela de duas Casas – «la del rey y la de la reina» (p. 32). Segue-se-lhe a composição e organização da Casa da rainha (pp. 33-144), com 40 subcapítulos, que apresenta, quase um por um, os ofícios que a caracterizam. No geral, este grande subcapítulo agrupa os membros da Casa em seis áreas: 1. o Palácio, com mordomo, serviço de mesa, cozinha e caçador/falcoeiro; 2. a Câmara, com inúmeros oficiais, desde o camareiro-mor, passando pelos resposteiros, músicos, físicos, damas, donas e donzelas, alfaiates, lavadeiras e criados, até aos anões, loucos e escravos; 3. a Chancelaria, com cinco cargos distintos; 4. os ofícios de justiça (alcaides e governadores); 5. a Tesouraria; e 6. a Capela, que incluía cantores e organistas.

À medida que cita os ofícios, Pelaz Flores faz constantes ligações e comparações com a Casa do rei, de forma a dar a entender as diferenças e as semelhanças entre as duas Casas. Se ambas apresentavam, sensivelmente, os mesmos oficiais em termos qualitativos, a do rei obrigava a um maior número de oficiais, por razões quase óbvias, ficando a da rainha com «un porcentaje sustancialmente menor a la de los oficiales y criados que acompañan a su marido» (p. 35), o que se transparecia no valor monetário

³ Pelaz Flores, Diana. 2016. «Reynante(s) en vno. Poder y representación de la reina en la Corona de Castilla durante el siglo XV [resumo]». *Edad Media. Revista de Historia* 17: 409-412.

⁴ Pioneira nos estudos sobre as mulheres. Veja-se a sua tese de Doutoramento: Del Val Valdivieso, María Isabel. 1974. *Isabel la Católica, princesa (1468-1474)*. Valladolid: Instituto de Historia Eclesiástica Isabel la Católica.

de cada cargo. Da mesma forma, a autora dá exemplos práticos das teorias e ideias que concebe. Ao analisar as funções de determinado cargo, Pelaz Flores traça o perfil sociopolítico de cada ofício através de figuras concretas, como é, por exemplo, o caso do mordomo-mor Diego Gómez de Sandoval (p. 40), e do caso-exceção (do mesmo ofício) de Gutierre Velázquez de Cuéllar (p. 41-42), aliando o texto aos dados do catálogo prosopográfico. Outros exemplos seriam, no séquito das damas, donas e donzelas (pp. 104-126), os casos de Beatriz de Avellaneda, esposa de Diego Gómez de Sandoval, e María Velázquez, filha de Gutierre Velázquez de Cuéllar.

Portanto, a estrutura é relativamente simples. Num primeiro momento, revela-se uma visão geral do cargo e, logo a seguir, dá-se um exemplo específico, de maneira a tornar mais descomplicada a compreensão de uma rede extremamente complexa e difícil de (des)construir. Os doze gráficos que acompanham o texto também ajudam neste sentido. Esta metodologia, acompanhada pela prosopografia, possibilita inúmeros estudos de caso, formando uma narrativa encadeada que, apesar da natureza «saltitante», leva à formação de um discurso claro sobre a influência e o poder político exercido «com», «pela» e «sobre» a rainha que, por sua vez, desenvolve a sua rede clientelar como bem lhe convier. Além disso, e pela mesma existência destes estudos de caso, este aspeto leva à criação de apontamentos que poderão levar a outras questões, tomando estas 320 páginas como um ponto de partida para outras investigações.

No quinto capítulo (pp. 145-190), Pelaz Flores traça o mapa das relações que a Casa da rainha tem com outras instituições políticas e administrativas. A autora destaca a construção de estratégias familiares de ascensão social, através da vinculação de oficiais da Casa da rainha com os da Casa do rei (pp. 145-165), uma vinculação semelhante à exposta no já referido subcapítulo das damas e donzelas. Porém, essa extensão envolve, não só a Casa do rei, como também os cargos administrativos da corte e a Casa do príncipe (pp. 165-177). O objetivo passa por escrutinar o nível de conectividade que se pode constatar entre as diferentes famílias de servidores que se cruzam, principalmente, nos círculos das Casas reais, tendo como referência dois conceitos: a promoção e as redes de relações. Para a historiadora, apenas se poderá compreender o funcionamento e a engrenagem interna que sustenta a máquina administrativa e a representação monárquica do reino através desta conceção de dois polos – Casas reais e organização administrativa do reino – como uma realidade interligada.

À semelhança do que acontece a nível interno (vejam-se os exemplos anteriormente mencionados de Diego Gómez de Sandoval e Beatriz de

Avellaneda, unidos pelo casamento, e de Gutierre Velázquez de Cuéllar e María Velázquez, pai e filha), as ligações por sangue e/ou casamento entre oficiais das duas Casas são cultivadas e apoiadas pelas famílias (e também pelos próprios monarcas). As vantagens para os «funcionários» são claras: a ascensão social e o prestígio da sua casa nobiliárquica são inegáveis. Para os monarcas, o facto de existirem ligações indiretas entre as duas Casas reinantes permite aos seus titulares um poder e uma rede de atuação muito maiores.

Contudo, estas ligações são, por vezes, substituídas por «empréstimos», isto é, no lugar do parentesco ou do matrimónio, há uma partilha de oficiais entre as Casas reais. A autora aponta os exemplos dos físicos e dos músicos. Os primeiros podem servir e receber quitação da Casa da rainha, mas serem incluídos no grupo de físicos do rei. Quanto aos segundos, poderiam ser «emprestados» por uma periodicidade limitada, com base numa petição prévia que justificasse o seu intercâmbio com outra Casa, para realçar, por exemplo, o seu aparato musical ou para incorporar temporariamente os serviços da capela.

Na Casa do príncipe, além de se abordarem estas questões, também é explorado o lado maternal da rainha enquanto ser humano político. Sem nos alargarmos demasiado, apenas acrescentamos que este é outro cenário onde o poder de atuação da rainha e da sua Casa é observável, pois a Casa do príncipe é politizada desde o início e pode, por vezes, originar fortes disputas entre o rei e a rainha, no que respeita à nomeação de oficiais que servirão o filho de ambos desde a infância até à idade adulta, moldando o seu sentido político.

Por fim, a autora transpõe a análise das redes clientelares para o plano internacional (pp. 177-182), aprofundando o estudo dos contactos e dos intercâmbios com as outras cortes (onde se inclui Portugal) e para o vetor senhorial da rainha (pp. 182-190).

O sexto capítulo (pp. 191-194) apresenta as conclusões, destacando-se a ideia de que a Casa da rainha não surge apenas como um grupo heterogéneo de servidores, mas também se revê como uma plataforma de ascensão social e, sobretudo, um instrumento de poder, à semelhança da Casa do rei. Há, portanto, a afirmação da importância da Casa da rainha, reforçadora da posição social dos seus elementos, como lugar de ascensão e de retroalimentação, e potenciadora, ao mesmo tempo, do prestígio da sua senhora. Há várias questões que são deixadas em aberto e a própria autora afirma-o no penúltimo parágrafo destas conclusões, ao escrever que o seu trabalho não deve ser considerado encerrado por completo.

Por último, no sétimo capítulo, é-nos mostrado o catálogo prosopográfico, ferramenta indispensável para um trabalho desta envergadura e que tanto permite pôr questões como responder a outras tantas. São apresentadas as listas dos oficiais de Maria de Aragão e de Isabel de Portugal. Os nomes estão organizados alfabeticamente pelo apelido. São apresentadas informações acerca do cargo e dos anos que o exerceram, seguidas da quantidade que auferiam ou que lhes foi deixada em testamento (ou ambas) e de uma nota biográfica sempre que possível, percebendo-se as disparidades de existência de fontes documentais.

Em suma, há três focos de análise basilares nesta obra: definição de Casa da rainha; enquadramento da Casa na esfera política; e poder de atuação da mesma. Traçando uma ténue fronteira entre o público e o privado, Pelaz Flores define a Casa da rainha como uma estrutura organizativa composta pelo oficialato burocrático, financeiro e doméstico que servia a figura reinante feminina, um conjunto de oficiais que, ao mesmo tempo, demonstrava, exprimia e representava administrativa, política e simbolicamente, a reginalidade perante a corte e o reino. A importância desta caracterização da Casa da rainha – que patenteia um dos corpos da monarquia – entrelaçava-se com questões surgidas em relação à Casa do rei (enquadramento). Uma delas prende-se com o facto de muitos oficiais da Casa feminina penetrarem na Casa do rei ou até mesmo na do príncipe, além de também se imiscuírem noutras instituições do reino. Este é, portanto, um fator revelador da conversão da Casa da rainha numa peça que complementa e enriquece a representação do rei e da própria monarquia, construindo uma imagem precisa da instituição «monarquia».

La Casa de la Reina en la Corona de Castilla (1418-1496) revela-se assim um essencial contributo para o estudo da reginalidade, das ligações entre as duas Casas da mesma Coroa e, no geral, para a História das Mulheres. Feita a partir de dados concretos e aliando a recente onda de investigações, esta obra abre um novo caminho na construção de uma historiografia que, cada vez mais, se emancipa dos estudos androcentristas e procura novas perspetivas, longe dos preconceitos há muito cunhados e que parecem começar, agora, a desvanecer-se.

Catarina Monteiro
Mestranda em História Moderna e dos Descobrimentos,
NOVA FCSH, Portugal.
catarina.monteiro1@gmail.com